

Por uma estética da existência grega na atualidade

*For an aesthetics of greek existence
today*

**Ricardo Augusto Chaves de Oliveira, Clara Virgínia de
Queiroz Pinheiro**

Resumo

Baseado numa compreensão de sujeito ético de Foucault, organizada em reação às características dominantes da conjuntura subjetiva da Modernidade, investiga-se, também com base nesse pesquisador, as lógicas subjetivas de teor grego-clássico (século IV a.C.) e cariz moderno (séculos XIX e XX), num itinerário conhecido como arquegenealógico. Ao percorrer essas épocas, encontra-se nelas o seguinte espírito: ética grega – sujeito que exerce, sempre, preferencialmente, a sua necessidade dominante, num determinado instante e em certa situação; ética moderna liberal – sujeito que pratica, sem cessar, primariamente, uma restrição rigorosa de si mesmo, visando a sua anulação. Neste artigo, após considerar essas subjetividades, se concebem alguns elementos subjetivos da ética clássica que podem ser pensados, de modo adaptado, em uma estética da existência na atualidade moderna, problematizando profundamente esta realidade. Isto porque os princípios clássicos são aparentados ao olhar de sujeito ético de Foucault, e, igualmente, como esse olhar, são interessantes para o presente.

Palavras-chave

Michel Foucault, ética, atualidade.

Abstract

Based on an understanding of Foucault's ethical subject, organized in reaction to the dominant characteristics of the subjective conjuncture of Modernity, the subjective logics of Greek-classical content (4th century BC) and modern character (19th and 20th centuries), in an itinerary known as archegenealogical. When going through these times, the following spirit is found in them: Greek ethics – subject who always exercises, preferentially, his dominant need, at a certain moment and in a certain situation; liberal modern ethics – subject who practices, without ceasing, primarily, a strict restriction of himself, aiming at its annulment. In this article, after considering these subjectivities, some subjective elements of classical ethics are conceived that can be thought, in an adapted way, in an aesthetics of existence in modern times, deeply questioning this reality. This is because classic principles are related to the look of Foucault's ethical subject, and, likewise, like this look, they are interesting for the present.

Keywords

Michel Foucault, ethics, today.

**Ricardo Augusto
Chaves de Oliveira**
Universidade de Fortaleza

Doutorando e mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (2003), e graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (1991). Atualmente é psicoterapeuta do Instituto Ânima Christi e professor da Universidade de Fortaleza. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Intervenção Terapêutica.
ricardoaugusto@unifor.br

**Clara Virgínia de
Queiroz Pinheiro**
Universidade de Fortaleza

Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza/UNIFOR.
claravirginia@unifor.br

Introdução

Este artigo se propõe estudar o sujeito ético em Michel Foucault. Para esse autor, em linhas gerais, como se compreende essa temática? *É um sujeito histórico, fruto de sua relação com um campo de poder e de saber; aberto à alteração ou à mudança; está na ordem da diferença e da particularidade; é empírico e consegue transformar seu pensamento, sua conduta e suas relações consigo; é dependente e relacional; disposto a resistir aos modelos estáveis, imutáveis e consumados da subjetividade. O sujeito ético, portanto, é pleno de existencialidade, temporal e limitado, reconfigurando-se ad infinitum – uma finitude ilimitada* (CASTRO ORELLANA, 2008).

Desde essa perspectiva de sujeito, que é histórica e no campo da diferença, estabelecida em oposição aos preceitos subjetivos modernos, Foucault pesquisa, no decurso da história ocidental, várias lógicas subjetivas, comprovando que umas são afirmativamente éticas, cuja norma estabelece condutas de autoafirmação – as subjetividades de O uso dos prazeres (século IV a.C.) e de O cuidado de si (I e II d.C.) –, e outras são o oposto – as subjetividades de A pastoral da carne (séculos IV e V d.C.) e moderna (XIX e XX) –, as quais se fazem no terreno da normalização subjetiva, cuja norma determina procedimentos de autonegação.

Em tais circunstâncias, pergunta-se: há possibilidade de se pensar e agir nos dias de hoje de maneira semelhante (mas não igual) ao tempo antigo, ao período grego, à época de O uso dos prazeres (século IV a.C.), contrariando os princípios modernos de normalização do sujeito? A resposta aqui disposta é sim.

Sabe-se que, nesse tempo grego, havia práticas da arte da existência que eram exercícios voluntários e refletidos, por meio dos quais as pessoas se fixavam regras de conduta e, igualmente, se propunham transformar seu ser numa singularidade prenhe de valores estéticos (FOUCAULT, 2001).

E com tal arte se aprendia a viver o momento sexual (e, de maneira ampla, a própria existência), com o intuito de refletir sobre as condições deixadas pelo sujeito a posteriori; condições essas de permanência de sua marca no mundo, qualquer que seja, desde que cada um pudesse se converter, neste Planeta, em “eterno” (FOUCAULT, 2001).

Por outro lado, é sabido também com Foucault que, na Modernidade (atualidade), há a constituição dos dispositivos (disciplinares) psiquiátrico, penal e da sexualidade, surgidos do fim do século XVIII ao início do século XIX (Revel, 2011), que organizam e reorganizam os corpos [e as almas] no sentido do disciplinamento deles, normalizando-os; e que se traduzem na invasão do poder sobre o corpo-[sujeito]-indivíduo, em um processo denominado de anátomo-política, *sendo este um dos dois mecanismos do biopoder*, cujas estratégias básicas são: vigilância infinitesimal de um sujeito; controle constante de sua conduta, seus apetites, seus gestos; intensificação de seus rendimentos e de suas capacidades, colocando-o num lugar que seja mais eficaz dentro de um sistema social: fazendo-o, pois, mais útil e dócil (CASTRO ORELLANA, 2008).

Esse conjunto de procedimentos instituídos (ou institucionais) e chamados de anátomo-política correspondem a um mesmo método (norma) de individualização; também, as mesmas técnicas (norma) de administração do espaço, de avaliação de tempo e de domínio do movimento; e, igualmente, a equivalentes mecanismos (norma) de vigilância e de investigações (CASTRO ORELLANA, 2008).

E, no final do livro História da sexualidade vol. I (1976) e nos cursos do Collège de France *É preciso defender a sociedade* (1976) e *Segurança, território e população* (1978), ele registra outra dimensão do poder, outro *mecanismo do biopoder* (a biopolítica), que opera a administração do poder

sobre o corpo-[sujeito]-espécie (CASTRO ORELLANA, 2008) – sobre esse corpo que se encontra atravessado pela mecânica do vivente e que auxilia e dá base aos processos orgânicos: a multiplicação, os nascimentos e a mortalidade, o grau de saúde, a durabilidade da vida e a longevidade, com todas as exigências que são capazes de fazê-los variar (FOUCAULT, 1999).

Esse domínio de preocupações é delimitado em um sistema de regulações (ou normalizações) que define a biopolítica como prática de poder (ou de governo) sobre a população (PINHEIRO, 2002). Esse sistema biopolítico normalizador é inaugurado do fim do século XVIII ao início do século XIX (REVEL, 2011) e define população como seres vivos atravessados, administrados e controlados por procedimentos e regras orgânicas. O seu objetivo básico corresponde a uma estratégia de poder que dispõe dos indivíduos, na qualidade de espécie biológica, para manipular esta população como instrumento para gerar bens, riquezas, outras pessoas (e isso é a sua norma essencial) (FOUCAULT, 2014b).

Sabendo-se da realidade dos gregos, e desdobrando o problema disposto há sete parágrafos acima, indaga-se: que elementos da subjetividade grega do século IV a.C. podem ser pensados em uma estética da existência na atualidade (Modernidade)? Essa conjunção de problemas e suas possíveis respostas correspondem ao cerne deste trabalho. Na verdade, esses problemas se traduzem num só, que é o segundo colocado.

Qual é, pois, o itinerário adotado para a resolução dessa problemática e, particularmente, a ser expressa neste momento? Realiza-se, a seguir, a apreciação da ética grega clássica; logo após, a da ética moderna; em seguida, como considerações finais, pensa-se acerca dos fundamentos subjetivos gregos como podendo fazer parte, de modo adaptado, da atualidade moderna, questionando, desse modo, os preceitos desta, e, iniciando, assim, uma estética grega no tempo presente.

Ética grega clássica

Sabe-se que a cultura grega do século IV a.C. é a dos homens adultos, ativos e livres. Ela se traduz como uma ética de homens, portanto: escrita, instruída por eles e direcionada a eles. Ela se configura, igualmente, como uma produção do comportamento viril, preparada da óptica dos homens, e a fim de oferecer um modo ao seu comportamento. E, nessa ética masculina, as mulheres se exprimem como objetos ou, somente, como companheiras, às quais é importante constituir, doutrinar e observar no momento em que se encontram sob seu poder, e, quando estão sob o poder de outra pessoa (conselheiro, esposo, pai), é necessário se afastar (FOUCAULT, 2001). É fundamental que se saiba disso.

Essa situação cultural, de fato, propõe um sujeito fortemente direcionado para uma prática de liberdade ética (DREYFUS; RABINOW, 1995), inclusive a própria mulher-parceira, pois é “contagiada” pelo espírito livre do homem, sendo parte desse processo de força ativa (FOUCAULT, 2001); *os escravos e a mulher-instrumento*, porém, não entram nessa conjuntura de liberdade.

Aqui existe o exercício de uma estética da existência (FOUCAULT, 2001), excetuando, é claro, a condição vivida dos dois últimos mencionados. Há uma subjetividade assemelhada à perspectiva de Foucault sobre o sujeito ético (CASTRO ORELLANA, 2008). O terreno da liberdade ética se ergue exatamente nesse contexto (FOUCAULT, 2001), e é com base nele que se pensa noutra dimensão a realidade subjetiva atual (moderna); que se reflete de outro modo o real ético da atualidade; que se reflexiona de outra maneira a configuração subjetiva dos tempos de hoje.

Dessa lógica grega, eis alguns elementos subjetivos que podem ser produzidos, de modo transformado, na seara moderna: ajustamento subjetivo baseado: na necessidade, no momento oportuno (contexto), na posição pessoal (status) de cada um (condições de idade, sexo e socioculturais) (FOUCAULT, 2001); sujeito que busca praticar o governo de suas potências, que protege a sua energia vital, empregando-a a todo momento para se fortalecer, que altera o seu viver em verdadeira particularidade e, dessa maneira, se transforma em “eterno” (FOUCAULT, 2001).

Subjetividade que respeita o lugar do companheiro, que possui um viver atuante e livre, que é interdependente (FOUCAULT, 2001); experiência subjetiva que está no contexto de uma autonomia relativa (autonomia: constituição de si mesmo, objetivando o exercício de práticas de autoafirmação; e relativa: porque histórica, temporal e limitada) (Gros, 2004), que possui uma herança subjetiva e material familiar, que exerce a potência da relação (FOUCAULT, 2001).

Sobre a relação homem e rapaz: comando de si do homem, gestão de si do rapaz, exercício de co-temperança (FOUCAULT, 2001); sobre o rapaz: sua dignidade se realiza na utilização que exerce de sua vida, desdobrada essa realidade na coletividade, e, de modo mútuo, os outros mostram, também, o seu viver melhor – a sua beleza (FOUCAULT, 2001); ainda sobre o rapaz: os gregos clássicos se inquietam com a virilidade do rapaz, e com o seu respectivo tempo, oferecendo ambiente para ela ser praticada, até que ele consiga se fazer homem livre, autorizando-se sobre si mesmo e sobre os demais (FOUCAULT, 2001).

Enfim, como último elemento, tem-se: o verdadeiro amor pelos adolescentes é criado pelo preceito de uma renúncia que o sustenta, porque esse princípio é praticado numa abstenção (bastante amável) a eles, dando-lhes, por conseguinte, livre iniciativa: o homem da Grécia clássica se comandando e amando de modo verdadeiro o adolescente, que possui espaço, oferecido por esse homem (e isso é a renúncia que este realiza com relação àquele), de se autorizar e de se fazer, no porvir, homem liberto (FOUCAULT, 2001).

Pensando, agora, numa articulação desses elementos, numa espécie de composição subjetiva deles, num tipo de sujeito ético-estético da existência grego-clássica, e raciocinando em termos de práticas de si, tem-se, portanto, uma possível definição desse sujeito exposto em seguida.

É um tipo subjetivo que se faz praticando, prioritariamente, sua necessidade dominante, num determinado momento, numa certa situação, respeitando sua idade, seu sexo, suas condições sociais e culturais (FOUCAULT, 2001); praticando a administração de suas potencialidades, e cuidando da sua energia e fortalecendo-a em prol de uma vida puramente particular, puramente a favor de um viver “imortal” (FOUCAULT, 2001); praticando o respeito profundo pelo espaço do parceiro, sendo vivo e atuante, e dependente positivamente do outro (FOUCAULT, 2001).

Praticando, pois, a própria experiência dentro de uma conjuntura de uma autonomia relativa (GROS, 2004), e recebendo, de modo ativo, uma herança subjetiva e material familiar, e *praticando* a força da relação (FOUCAULT, 2001); *praticando* o comando de si como homem, *praticando* o governo de si como adolescente, e *praticando* a cooperação mútua homem-rapaz (FOUCAULT, 2001).

Como adolescente, *praticando* a honra pelo usufruto que faz da sua vida, desenvolvida essa verdade na coletividade, e os outros, de modo mútuo, demonstram, também, o seu viver mais interessante (FOUCAULT, 2001); como adolescente, com o apoio da situação, *praticando* a virilidade,

até se tornar homem liberto, que se autoriza sobre si e os outros (FOUCAULT, 2001); como adolescente, com o amor verdadeiro de seu homem, que se traduz numa renúncia (profundamente respeitosa) ao rapaz, *praticando* a virilidade e se transformando, no futuro, homem livre (FOUCAULT, 2001).

Passa-se, neste instante, à apreciação de outro ponto do desenvolvimento: a interpretação moderna de subjetivação.

Ética moderna

Antes de trazer esse tema para o foco do debate, é importante aportar duas informações. Primeira: o texto Nascimento da biopolítica (livro de Foucault sobre a Modernidade subjetiva) propõe práticas de governo liberais, ou mecanismos de normalização liberais, cuja norma define políticas coletivas de autonegação, e essas práticas se vinculam com as técnicas de si igualmente liberalistas, e estas, também, se exercem no domínio da autorrejeição. Segunda: nesse livro, as práticas de si (ou de subjetivação) liberais, nos séculos XIX e XX, se realizam no plano da biopolítica: no âmbito, portanto, do governo da população.

Entrando, nesta ocasião, no assunto 3 (ética moderna). Eis, abaixo, alguns elementos subjetivos modernos (a obra há pouco referida sendo transformada, assim, *em sua versão propriamente subjetiva*) que são passíveis de críticas por parte dos preceitos grego-clássicos, pois eles são contrários a estes preceitos, e, igualmente, aos da subjetividade ética definida por Foucault (CASTRO ORELLANA, 2008). Expõem-se, então, esses elementos na sequência.

1) O sujeito liberal se orienta no sentido de uma contenção de si máxima, desdobrando, com efeito, uma prática de si voltada para um processo de autoanulação. Ou seja, o sujeito liberal se reconhece e, ao exercer um controle extremo de si, tende a se anular – hermenêutica purificadora de si (ou do desejo): *norma* válida para os liberalistas (essa qualidade da hermenêutica representa a Era moderna-liberal) (FOUCAULT, 2008).

2) O sujeito liberal não possui em si mesmo seu motivo de existência, sua razão reguladora, suas finalidades: reconhece o que deseja, porém anula tal desejo (hermenêutica purificadora) (FOUCAULT, 2008).

3) Ele quer cada vez menos governo de si (e isso ocorre com maior limitação de si); quer cada vez mais deixar de existir; quer cada vez mais se tornar irrelevante; anular-se, por conseguinte (FOUCAULT, 2008).

4) A prática de si liberal tem que ser crítica: tem de problematizar sobre os melhores meios de restrição de si (ou sobre os menos trabalhosos) e, especialmente, sobre a viabilidade e, igualmente, a validade de seu projeto atingir respostas (de retenção de si mesma) (FOUCAULT, 2008).

5) A norma liberal prega cada vez menos governo (Estado), transformando-o cada vez mais em descartável. E isso se estende naturalmente para cada prática de si liberal: cada uma quer menos governo de si (e isso se dá com maior controle de si), tornando-o cada vez mais insignificante (FOUCAULT, 2008).

6) O sujeito liberal é um crítico de um governo de si precedente, de que se se busca diferenciar; de um comando de si atual, que se se devota em reestruturar e esclarecer, desconsiderando-o; de um governo de si a que se contesta, diminuindo os excessos desse governo (FOUCAULT, 2008).

7) O sujeito liberal, como caminho preponderante de prática de si de governo, contraria a qualquer governo de si, e se propõe, por excelência, a sua finalidade-mor, que é o controle de si extremado, nulificando-se, por consequência (FOUCAULT, 2008).

8) A prática de si liberal não é nem o efeito nem o desdobramento do mercado e da restrição de si: não se iguala a eles; é transposta a eles (FOUCAULT, 2008).

9) O sujeito liberal se apoia na *norma* de restrição de si mesmo, em virtude de ela delimitar modos de atos coletivos sociais específicos de atitudes exclusivas, particulares, extraordinárias, e em virtude da atuação dos administrados na preparação da *norma*, numa estrutura do parlamento, organizar o método mais efetivo de restrição do público. *Moral da história*: o sujeito, amparado na *norma*, se guia para uma retenção de si cada vez maior, se dirige, portanto, para uma autoanulação cada vez maior (FOUCAULT, 2008).

10) O sujeito que se controla a si mesmo pode ou não ser liberal; pode ou não ser democrático; pode ou não ser ligado às feições jurídicas (FOUCAULT, 2008).

11) O sujeito liberal exerce uma postura crítica com respeito à própria ação de governo de si: essa crítica pode se originar de si mesmo ou de fora; pode provir do apreendido sobre como se conter (*norma* internalizada) ou da lei (instituição jurídica / *norma* a ser internalizada), sem ligação necessária e homogênea. (FOUCAULT, 2008).

12) A prática de si liberal é crítica da insanidade própria ao excesso de governo (Estado) e sugere uma volta a uma tecnologia de governo controlada (menos Estado), mediante o exercício de mais contenção de si (FOUCAULT, 2008).

Refletindo, nesta hora, numa inter-relação desses elementos, numa qualidade de organização subjetiva deles, numa estirpe de sujeito liberal-moderno, e pensando em matéria de práticas de si, tem-se, dessa maneira, uma possível designação desse sujeito representado a seguir.

É uma espécie subjetiva que se governa em direção a uma *prática* de restrição de si rigorosa, conforme uma hermenêutica purificadora: há uma distinção do que essa espécie quer e, após a *prática* de um controle de si extremado, inclina-se para uma supressão desse querer (FOUCAULT, 1997b).

Esse sujeito *pratica* a sua própria inexistência, pois exerce o seu desejo para não ter desejo e nem fins próprios: esse é o seu preceito maior (FOUCAULT, 2008); *pratica*, cada vez mais, menos comando de si (e isso acontece com mais limitação de si) (FOUCAULT, 2008); *pratica*, também, a criticidade: questiona sobre os mais adequados caminhos de controle de si e, principalmente, sobre como o seu projeto liberal pode conseguir resultados apropriados, no caso, efeitos autonadificadores (FOUCAULT, 2008).

Ele *pratica*, igualmente, uma crítica a um comando de si anterior (buscando se distinguir deste), a um governo de si atual (procurando refazê-lo e desqualificando-o): *pratica*, pois, um questionamento a todo governo de si, contestando-o e fazendo valer a sua máxima, que é a retenção de si extrema para efetivar um processo de anulação de si mesmo (FOUCAULT, 2008).

Ele, sustentado na *norma* de limitação de si mesmo, *pratica* a regulação, cada vez mais, de restrição de si mesmo (FOUCAULT, 2008). Ainda, o sujeito liberal não é o resultado nem o desenvolvimento do comércio e da contenção de si: não se equipara a eles; vai além deles (FOUCAULT, 2008). Esse sujeito *pratica*, também, uma posição crítica com relação à privativa atividade de comando de si (FOUCAULT, 2008). Por fim, ele *pratica* uma

condenação ao exagero de comando (Estado) e recomenda um retorno a uma engenharia de comando contida (menos Estado), por meio da *prática* de mais controle de si (FOUCAULT, 2008).

Realiza-se, neste instante, o estudo do último ponto deste texto, que é a reflexão de um provável “deslocamento” dos padrões subjetivos grego-clássicos, de forma adequada, para os dias hodiernos. Considera-se, aqui, apenas um exercício de se pensar essa possibilidade. Inicia-se, desse modo, o item 4.

Considerações finais: por uma estética da existência grega na atualidade

Nesta explanação deste trabalho, nos pontos 2 e 3, refinam-se, assim, por meio de alguns elementos subjetivos, duas definições de sujeito – uma grega e outra moderna (no caso, moderna-liberal: ética dominante dessa época). O objetivo no momento é se servir da descrição do sujeito grego para operacionalizá-la, de modo adequado, em uma estética da existência na atualidade moderna, contestando, pois, os valores dessa mesma atualidade.

Dando início a essa discussão, como se pode configurar a Grécia do século IV a.C., excetuando, é claro, a experiência dos escravos e das mulheres-objeto? Seu processo subjetivo se caracteriza como sendo ético, ou, melhor, constitui um modo de ser no terreno da liberdade, organizando para si, e com relação aos outros, uma prática de autonomia relativa (autonomia: constituição de si mesmo, objetivando o exercício de práticas de autoafirmação; e relativa: porque histórica, temporal e limitada) (GROS, 2004).

Aqui, portanto, o modo de se fazer sujeito o engrandece. Tem-se neste solo de subjetivação um exercício de si, onde a pessoa sente, pensa e faz a própria vida. É uma maneira de estar no mundo totalmente diferente do moderno (FOUCAULT, 2001). A liberdade se traduz numa marca fundamental. E essa liberdade se concebe na sua interação com a verdade. Que verdade? A que se faz na continuidade da própria existência, cujos sinais valem como realização de si na Terra (FREITAS, 2010).

Esse sujeito no seu cotidiano investe no direito à diferença, à variação, à transformação: sendo ativo, se dominando e resistindo à dominação do outro (DELEUZE, 1995). Encara a vida como uma obra a ser elaborada (BARROS II, 2011). E, por fim, atua socialmente com o único propósito de criar leis que defendem a operação das singularidades existenciais, em “seu próprio momento, de acordo com o contexto e em função de seus próprios fins” (FOUCAULT, 2001).

Como se pode representar a Modernidade liberal? O seu processo subjetivo é oposto ao modelo anterior. A prática de fazer a própria liberdade de viver é essencialmente esvaziada. Já não existem sujeitos que se perfazem no sentido da autonomia relativa (Gros, 2004), mas, ao contrário, se fazem quase que totalmente submetidos a toda ordem social vigente (CASTRO ORELLANA, 2008).

Com efeito, exercem a própria vida na seara da sujeição social. São produtores, e nem sequer se apercebem disso, de um viver de rebanho. As próprias vidas são destinadas ao sacrifício de si mesmas. São destinos que lutam, a todo tempo, para a morte. Os séculos XIX e XX trazem essas experiências para o humano, principalmente por meio de suas técnicas médicas, psicológicas, pedagógicas (FOUCAULT, 2001).

E como se pode pensar num modo de existência interessante para os dias de hoje? Como Foucault reflete a esse respeito? Sabem-se dos critérios

desses modos de subjetivação mencionados. É conhecido, igualmente, o fato de que a atual conjuntura está em crise de valores morais e políticos há muito tempo. Também se sabe da necessidade de outras maneiras de se viver, de se administrar a própria vida.

Em vista de todos esses saberes, então, se arrisca a meditar no seguinte: talvez existam em si mesmas todas essas histórias de subjetivação constituídas ao longo do percurso ocidental [nessas histórias se incluem O cuidado de si, séculos I e II d.C. (EPICTETO, 2006; FOUCAULT, 1985, 1997a, 1997c, 2004a) e A pastoral da carne, séculos IV e V d.C. (FOUCAULT, 2014a, 2018; ORTEGA, 1999)], que levam Foucault a reconhecê-las por meio dos livros e sugerir uma possível nova modalidade de subjetivação. Diz ele sobre esse fato: tem-se a necessidade de olhar para as culturas anteriores e de refletir sobre elas e, talvez, com o trabalho do pensamento sobre o próprio pensamento, olhar e refletir diferente, viver esse olhar e essa reflexão de outra maneira (FOUCAULT, 2001).

Além disso, constata-se também com Foucault: da Antiguidade ao Cristianismo, passa-se de uma ética que é sobretudo a procura de uma moral particular para uma ética como sujeição a um composto de regras. Por uma série de razões, acredita-se que a ideia de uma ética como sujeição está morrendo: já morreu, aliás. E essa ausência de ética convém (deve convir) a uma procura, aquela de uma estética da existência (FOUCAULT, 2004b).

Assim, no seu entender, há a necessidade de organizar na atualidade uma estética da existência em substituição a um composto de regras, *que já não existem*. Pode-se, por isso, perguntar se, na conjuntura de hoje, com sistemas de comunicação avançados, numa era de globalização de todos os campos, não se deve propor modos de convivência humana, tendo como base a ética de O uso dos prazeres ou a subjetividade grega clássica?

Na verdade, sabe-se, com Foucault, que não é possível a transferência de uma cultura para outra; de trazer para o agora o que na cultura antiga havia. Está-se falando, entretanto, de outra coisa. Reporta-se a tomar como referência, ou, melhor, de penetrar o conhecimento antigo (do século IV a.C.) e, de maneira ajustada, constituir, hoje, outra estética da existência.

Entende-se que esse exercício é viável, pois há um vazio no coração do ocidente moderno, e que pode ser ocupado de qualquer modo. Cria-se que o seu preenchimento seja procedido por intermédio de um modo de subjetivação válido para a maioria, e que seja prene de liberdade.

Acreditando, então, nessa possibilidade, e respondendo à pergunta há pouco disposta, tenta-se preencher, agora, pois, e, aqui, é claro, é apenas uma tentativa, esse vazio no coração moderno com os valores da Grécia clássica, mediante um questionamento dos princípios da Modernidade, ao considerá-los num contraponto em relação àqueles valores. Tem-se, nesse caso, esse contraste assim definido:

Enquanto o sujeito grego clássico exerce, preferencialmente, seu querer predominante, num certo instante, em determinada circunstância, observando sua fase, seu sexo, sua situação coletiva e de instrução (FOUCAULT, 2001), o sujeito liberal moderno percebe o que deseja, mas anula tal desejo: por uma prática de controle de si extremada; ou melhor, ele, ao reconhecer o que deseja, pratica essa vontade no sentido de se autoanular, por uma atividade de contenção de si mesmo (FOUCAULT, 2008).

Em oposição ao sujeito grego que realiza a gestão de suas capacidades, zelando por sua intrínseca energia e expandindo-a em benefício de um viver tão-somente diferente, tão-só em defesa de uma vida “perene” (FOUCAULT, 2001), o sujeito moderno, ao efetuar o seu querer

para mais limites de si, passa a ter menos governo de si, e, cada vez mais, se sente se anulando (FOUCAULT, 2008).

Na medida em que o sujeito grego opera o apreço pelo lugar do companheiro, se tornando ativo e presente, e vinculado decisivamente ao outro (FOUCAULT, 2001), o sujeito moderno problematiza acerca dos mais favoráveis métodos de restrição de si e, particularmente, a respeito de como o seu plano é capaz de alcançar efeitos pertinentes: autoinvalidadores; ou seja, ele não se respeita, pois atua para o seu fim, e não respeita o outro: porque quer que o outro pratique a mesma ação que ele – nulifique-se (FOUCAULT, 2008).

Na mesma proporção que o sujeito grego dispõe de uma existência numa condição de uma autonomia relativa (GROS, 2004), abrigando, ainda, uma herança familiar nesse sentido, e, igualmente, experimenta essa força autônoma com o outro (FOUCAULT, 2001), o sujeito moderno contesta todo governo de si, e edifica sempre a retenção de si mesmo, para realizar um desenvolvimento gradativo de dissolução de si. Também faz uma contestação da realidade do outro: quer que o outro critique o governo de si próprio; quer que o outro exercite a contenção de si, para consumir a própria anulação (FOUCAULT, 2008).

Em contrapartida ao sujeito grego que pratica o bom governo de si e, também, a cooperação mútua com o outro (FOUCAULT, 2001), o sujeito moderno produz cada vez mais a norma de limitação de si, anulando-se, e, igualmente, exige do outro que faça a mesma coisa: elimine-se (FOUCAULT, 2008).

Ao passo que o sujeito grego atua sua dignidade pela posse do seu viver, dividindo essa realidade na sociedade, e as outras pessoas, de maneira recíproca, manifestam, de modo igual, sua vida mais potente (ou bela) (FOUCAULT, 2001), o sujeito moderno, apesar de ele não ser o produto nem o desenvolvimento do mercado e da restrição de si mesmo, pois ele é mais do que esses preceitos, pode-se dizer que ele é, também, o efeito e o desdobramento do comércio e da limitação de si mesmo. Assim, é válido afirmar que essa restrição de si, inclusive comandada pelo mercado, faz com que esse sujeito não possua uma vida bonita, ao contrário, ele efetiva seu viver para cada vez mais se anular, e, ainda, pressiona o outro para isso (FOUCAULT, 2008).

Enquanto o sujeito grego, com suporte no ambiente, realiza a sua força, até se fazer uma pessoa livre (de fato), que se valida sobre si e os outros (FOUCAULT, 2001), o sujeito moderno exercita uma postura de questionamento a respeito da própria ação de governo de si, e esse questionamento objetiva direcionar o comando de si para uma restrição de si cada vez maior; ou seja, a vida que vai se formando não é a de se autorizar, mas a de se invalidar (FOUCAULT, 2008).

Em oposição ao sujeito grego que, com o amor genuíno de seu parceiro, vive a sua potência e se converte numa pessoa livre (de fato) (FOUCAULT, 2001), o sujeito moderno, ao questionar profundamente o excesso do Estado, e querendo que ele se transforme num Estado mínimo, torna a sua vida, não no plano de uma liberdade crescente, mas no âmbito de uma nadificação de si cada vez maior (FOUCAULT, 2008).

Feitas essas considerações-contrastantes, afirma-se, então, que se pode pensar em uma provável estética da existência grega, de modo adequado, na atualidade, por meio dos princípios gregos aludidos para contrapor aos liberais-modernos, e, quem sabe, substituir estes. Eis, portanto, apenas uma plausível experiência de inclusão daquelas concepções, de maneira apropriada, no solo moderno.

Imagina-se esse experimento... Deseja-se muito isso!...

Sobre o artigo

Recebido: 12/02/2019

Aceito: 09/03/2019

Referências bibliográficas

- BARROS II, J. R. **Epimeleia heautou socrático-platônica: estética da existência como estratégia contra a normalização**. *Problemata – R. Intern. Fil., João Pessoa*, v. 2, n. 2, p. 178-195, 2011.
- CASTRO ORELLANA, R. **Foucault y el cuidado de la libertad**. Santiago: LOM, 2008.
- DELEUZE, G. **Foucault**. Tradução de C. S. Martins. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de V. P. Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- EPICTETO. **A arte de viver: uma nova interpretação de Sharon Lebell**. Tradução de M. L. N. Silveira. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- FOUCAULT, M. A hermenêutica do sujeito. In: FOUCAULT, M. **Resumo dos cursos do Collège de France**. Tradução de A. Daher. Rio de Janeiro: Zahar, Bibliografia: p. 117-134, 1997a.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade: o cuidado de si**. Tradução de M. T. C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985, v. 3.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução de M. T. C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, v. 1, 1999.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. 9. ed. Tradução de M. T. C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, v. 2, 2001.
- FOUCAULT, M. **Las redes del poder**. Tradução de F. Crespo. Rio de Janeiro: Prometeo, 2014b.
- FOUCAULT, M. Nascimento da biopolítica. In: FOUCAULT, M. **Resumo dos cursos do Collège de France**. Tradução de A. Daher. Rio de Janeiro: Zahar, 1997b, p. 87-97.
- FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**. Tradução de E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, M. Sexualidade e solidão. In: MOTTA, M. B. (org.). **Ditos e escritos V: Ética, sexualidade, política**. Tradução de E. Monteiro e I. A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a, p. 92-103.
- FOUCAULT, M. Subjetividade e verdade. In: FOUCAULT, M. **Resumo dos cursos do Collège de France**. Tradução de A. Daher. Rio de Janeiro: Zahar, 1997c, p. 107-115.
- FOUCAULT, M. Uma estética da existência. In: MOTTA, M. B. (org.). **Ditos e escritos V: Ética, sexualidade, política**. Tradução de E. Monteiro e I. A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b, p. 288-293.
- FOUCAULT, M. **Do governo dos vivos**. Tradução de E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2014a.
- FOUCAULT, M. **Histoires de la sexualité : les aveux de la chair**. Paris: Gallimard, v. 4, 2018.
- FREITAS, A. S. **Michel Foucault e o “cuidado de si”: a invenção de formas de vida resistentes na educação**. *ETD – Educação Temática Digital, Campinas*, v. 12, n. 1, p. 167-190, 2010.

GROS, F. Situação do curso. In: FOUCAULT, M.; GROS, F. (ed.). **A hermenêutica do sujeito**. Tradução de M. A. Fonseca e S. T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004, Bibliografia: p. 613-661.

ORTEGA, F. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Tradução de R. Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

PINHEIRO, C. **Norma e cuidado de si: Foucault e a história das práticas de subjetividade**. 2002. 166 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

REVEL, J. **Dicionário de Foucault**. Tradução de A. A. Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.